



A VOZ DA AUDIÊNCIA EM PARECERES ACADÊMICOS: O PAPEL DO FEEDBACK

THE VOICE OF THE AUDIENCE IN ACADEMIC REVIEWS: THE ROLE OF FEEDBACK

Maria do Socorro Oliveira | Universidade Federal do Rio Grande do Norte | maria.socorro@ufrn.br*

Antonia Dilamar Araújo | Universidade Estadual do Ceará | dilamar.araujo@uece.br

DOI: <https://doi.org/10.37514/RLE-J.2024.1.2.03>

Recebido: 05-11-2023 | Aceito: 07-03-2024

RESUMO: Este estudo objetiva discutir a dimensão retórica audiência sob a lente de feedbacks avaliativos/formativos emitidos por pesquisadores(as) situados no papel de pareceristas de teses em construção na área de Linguística Aplicada (LA). Teoricamente, o trabalho se fundamenta nas contribuições dos estudos de linguagem de vertente bakhtiniana, nas abordagens de gêneros textuais filiadas à nova retórica e nas reflexões sobre práticas de feedback. Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa-interpretativista, de natureza documental. A análise apoia-se em dados provenientes de 10 pareceres acadêmicos produzidos por experts da área de LA em um Seminário de Pesquisa desenvolvido em uma universidade pública brasileira, em 2023. A análise dos dados aponta para a importância do papel da audiência acadêmica e para o potencial didático dos feedbacks avaliativos/formativos, configurados como formas de controle institucional da escrita acadêmica e possibilidades de se promover o acesso à cultura disciplinar e o despertar do gênero tese pelos pós-graduandos(as) em LA.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero textual, voz acadêmica, audiência, parecer acadêmico, feedback.

RESUMEN: Este estudio discute la dimensión retórica audiencia a través de la lente de los comentarios evaluativos/formativos emitidos por investigadores en el rol de revisores de tesis en construcción en la Lingüística Aplicada (LA). Teóricamente, se basa en los estudios de la lengua bajtiniana, en los abordajes de géneros textuales afiliados a la nueva retórica y reflexiones sobre las prácticas de retroalimentación. Metodológicamente la investigación es cualitativa-interpretativa, de carácter documental. El análisis se basa en datos de 10 dictámenes

*Para correspondência, dirigir-se a Maria do Socorro Oliveira (maria.socorro@ufrn.br). Rua Presbítero Porfirio Gomes da Silva, n. 1568, apto 501 – Bairro Capim Macio – Natal – RN 59082-420.

académicos producidos por expertos del área en un Seminario de Investigación realizado en una universidad pública brasileña, en 2023. El análisis apunta a la importancia del papel de la audiencia académica y el potencial didáctico de los comentarios evaluativos/formativos, configurado como formas de control institucional de la escritura académica y posibilidades de promover el acceso a la cultura disciplinar y el despertar del género tesis por parte de estudiantes de posgrado en LA.

PALABRAS CLAVE: Género textual, voz académica, audiencia, dictamen académico, comentarios.

ABSTRACT: This study aims to discuss the rhetorical audience dimension through the lens of evaluative/educational feedback given by researchers in the role of theses reviewers in the area of Applied Linguistics (AL). Theoretically, the work is based on the contributions of bakhtinian language studies, in the approaches to text genres affiliated with new rhetoric, and reflections on feedback practices. Methodologically, the research is qualitative-interpretative, documentary in nature. The analysis is based on data collected from 10 academic reviews produced by experts in the AL area for a Research Seminar held at a Brazilian public university, in 2023. Data analysis points to the importance of the role of the academic audience and the didactic potential of evaluative/educational feedback, configured as forms of institutional control of academic writing and possibilities of promoting access to disciplinary culture and the awakening of postgraduate students for the thesis in AL.

KEYWORDS: Genre, academic voice, audience, academic review, feedback.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a questão dos gêneros textuais¹ tem chamado à atenção de pesquisadores(as) de todo o mundo nas mais variadas instâncias de pesquisa e ensino. Esse interesse pelos processos de socialização e apropriação das práticas de leitura e escrita na universidade justifica-se em razão da própria natureza do texto acadêmico, marcado por processos de hegemonia linguística e de formas de poder e, em razão disso, caracterizado por complexas convenções linguísticas e retóricas, nem sempre transparentes no espaço acadêmico, as quais dificultam o acesso, a distribuição e o domínio do discurso acadêmico no campo científico.

Essa problemática não apenas delinea as razões por que tem crescido o número de pesquisas voltadas para a escrita acadêmica, mas também aponta para necessidade e relevância de se continuar investindo nesse campo de

¹Embora compreendamos que utilizar os termos gênero textual e/ou gênero discursivo implique um determinado enquadramento epistemológico, aqui assumimos que o gênero é sempre constituído por duas faces: a do texto e a do discurso, o que significa dizer que não há gênero sem texto nem gênero sem discurso. São duas partes inseparáveis e constitutivas desse objeto. Em vista disso, neste trabalho, vamos assumir a designação “gênero textual” e não “gênero discursivo”. A escolha de uma ou outra adjetivação (textual ou discursivo) parece-nos, conforme os propósitos aqui considerados, não trazer problemas de compreensão nem de aplicação ao construto.

investigação, caso se tenha em mente otimizar a qualidade da produção científica na universidade no que refere não apenas ao fazer ciência, mas ao dizer a ciência.

Com vistas a esse propósito, a universidade tem propiciado uma série de ações curriculares: cursos, disciplinas, seminários, processos de tutoria e criação de comitês de avaliação, as quais permitem o engajamento dos(as) pós-graduandos(as) com membros da comunidade discursiva em que esses(as) se inserem, a fim de que possam ter acesso e se apropriar das formas de agir e dizer científicas que regulam as comunidades disciplinares a que os(as) pós-graduandos(as) pretendem pertencer.

É nessa direção que elegemos como objeto de estudo a dimensão retórica audiência, discutida à luz de feedbacks² avaliativos emitidos por pareceristas situados no papel de leitores de teses em construção na área de Linguística Aplicada (LA), em pareceres acadêmicos. Com vistas a esse ponto de reflexão, três questões guiam a nossa análise: 1) Que tipos de feedback são oferecidos por pareceristas na condição de audiência ou leitores de teses em andamento na área de LA? 2) Qual é o papel dessa audiência no despertar do gênero tese pelos(as) pós-graduandos(as) dessa área de conhecimento? e 3) Qual a importância dos feedbacks fornecidos por pareceristas na arguição de teses na área de LA?

Esses pareceres constituem-se neste estudo como um recurso institucional utilizado para fins avaliativos, mas também formativos no sentido de que não só cumprem a função de conferir um grau de adequação/aceitação ou não ao texto (tese) produzido por pós-graduandos(as) em processo de formação. Os feedbacks dos(as) pareceristas constituem-se em uma voz acadêmica, institucional, que pode facilitar a inserção dos pós-graduandos(as) em uma determinada cultura disciplinar³, permitindo-lhes se apropriarem do discurso científico e, conseqüentemente, tornarem-se membros da comunidade disciplinar⁴ almejada.

Teoricamente, este artigo fundamenta-se nos estudos de linguagem de vertente bakhtiniana (Bakhtin, 2000), nas abordagens de gêneros textuais filiadas à nova retórica (Bazerman, 2005, 2006; Berkenkotter & Huckin, 1995; Devitt et al., 2004; Ede & Lunsford, 1984; Giltrow, 2002; Hyland, 2004; Johns et al., 2006) e nas reflexões sobre as práticas de feedback (Chong & Lin, 2023; Hyland, 2001). Metodologicamente, o estudo é qualitativo-interpretativista (Moita Lopes, 1994) de natureza documental (Lakatos & Marconi, 2003). A análise apoia-se em dados provenientes de 10

² Embora na língua inglesa, o termo 'feedback' seja um substantivo incontável (somente usado no singular), em português brasileiro, a referida palavra foi incorporada ao uso da língua, sendo amplamente aceita e utilizada na sua forma plural. Em razão disso, o emprego do termo no plural, 'feedbacks', é comum e reconhecido.

³ O conceito de 'cultura disciplinar' é entendido por Hyland (2004, p. 11) como "formas consensuadas de consumir, negociar e comunicar o conhecimento na universidade".

⁴ Berkenkotter e Huckin (1995, p. 4) acentuam que "o conhecimento sobre os gêneros é transmitido através de um processo de aculturação", à medida que os aprendizes se tornam socializados com as formas específicas de comunicar o conhecimento em cada comunidade disciplinar.

pareceres acadêmicos produzidos por experts da Área de LA em um Seminário de Pesquisa desenvolvido em universidade pública brasileira, em 2023.

A discussão em foco organiza-se em quatro (4) momentos discursivos. Trazemos, inicialmente, uma conceptualização teórica acerca da questão das práticas de escrita e leitura desenvolvidas na universidade (os gêneros textuais), incluindo na reflexão os conceitos de audiência, voz acadêmica e feedback. Em seguida, apresentamos a abordagem metodológica utilizada no estudo, a caracterização do contexto e dos colaboradores da pesquisa e os procedimentos de geração de dados. Passamos, então, à análise e à interpretação dos dados, tendo como chave de análise a performance da audiência que representa uma voz acadêmica, expressa em feedbacks emitidos em pareceres acadêmicos produzidos na área de LA. Concluimos, apresentando algumas contribuições apontadas pelo estudo que destacam os tipos de feedback usados por pareceristas de teses em andamento na área de LA, o papel dessa audiência no que se refere ao despertar desse gênero pelos(as) pós-graduandos(as) em LA e o potencial de suas ações discursivas (os feedbacks) como possibilidades de se apontar formas de dizer e fazer científicas que carregam validação e autoridade institucional no campo dos estudos da linguagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em virtude dos desafios impostos pela universalização do conhecimento nas universidades e, em função desse estímulo, a importância de processos de intervenção escritural, as discussões sobre a escrita acadêmica têm-se inserido nas agendas de pesquisa de vários estudiosos, constituindo-se como um vigoroso campo científico na área de LA.

Há, por assim dizer, uma grande pressão para que alunos de centros de educação superior otimizem, em termos de qualidade, a sua produção científica, o que requer da comunidade acadêmica um esforço hercúleo para adequar essa produção aos níveis de excelência impostos pelos Programas de Pós-graduação.

Essa exigência aponta para a importância e a implementação de atividades curriculares (processos de tutoria, comitês de avaliação e seminários de pesquisa) e pedagógicas (oficinas de letramento avaliativo, revisões em pares) as quais se voltam para o desenvolvimento da metaconsciência linguística dos(as) pós-graduandos(as), especificamente no que diz respeito ao gênero tese.

Para tratar dessa questão, faz-se necessário, que se discutam, de início, diferentes aspectos que marcam o processo de escrituração de teses no contexto da universidade (normas, práticas, representações, redes de saberes e ideologias) e, nesse sentido, questões de gêneros textuais e recursos de avaliação.

Gêneros em Rede: o Parecer Acadêmico

Como as atividades de produção e recepção do conhecimento na escrita acadêmica são mediadas pelos gêneros em textos, é importante trabalhar essas práticas textuais, considerando-se o sistema de atividades (Bazerman, 2005)

que integra o fazer acadêmico de alunos e professores em determinadas comunidades disciplinares no contexto da universidade.

Nesse sentido, faz-se necessário olhar os gêneros não como formas descoladas do contexto, mas “como respostas retóricas e reflexos das culturas e de situações imediatas nas quais eles são usados” (Reiff, 2006, p. 240, como citado em John et al., 2006). De fato, os gêneros são entidades presas a particulares recursos de normatização e regimes de controle os quais regulam as práticas textuais de determinados domínios discursivos.

O caráter relacional da constituição do gênero dá-se, porém, não apenas no que diz respeito à sua vinculação com as diversas situações de uso da linguagem, mas também no que concerne à relação de um gênero com outros gêneros, ou seja, os gêneros dão-se sempre em resposta a outro gênero na vida real (Bazerman, 2006). Existem não de forma autônoma e isolada, mas em rede, em agrupamentos, em que cada gênero ocorre ou formata-se a partir da natureza e orientação de outro gênero.

Por exemplo, uma tese, na sua construção, resulta de uma cadeia de gêneros que contribuem para a sua organização: resumo, introdução, artigos, diálogos, entre outros. É também orientada por metagêneros (Giltrow, 2002), que normatizam a sua organização textual (documentos oficiais [ABNT], manuais de metodologia científica, tutoriais e pareceres) e atribuem ao texto valor de verdade e aceitabilidade.

No caso do ‘parecer acadêmico’, trata-se de um gênero textual produzido em resposta a um relatório de pesquisa (tese) que precisa ser analisado, comentado e avaliado, também conforme certos critérios postos a priori em outros gêneros de caráter parametrizador, como resoluções oficiais, templates, diretrizes de Programas de Pós-graduação (formulários e questionários). Essas exigências retóricas que caracterizam o gênero revelam que a sua produção está à mercê de critérios de validade, acordos embutidos nas diferentes comunidades discursivas e critérios de aceitabilidade ou não negociados institucionalmente.

Embora se entenda que os gêneros possuem uma estrutura dual: forma e função, caracterizada por inúmeras dimensões (linguística, cognitiva e retórica) e por diferentes critérios definidores (p. ex., situacionalidade, pertencimento a uma comunidade, propósito comunicativo, papel dos interlocutores), interessa-nos, neste ponto da discussão, salientar o valor funcional do gênero em estudo – o parecer acadêmico.

Sua função maior reside no seu propósito comunicativo (Swales, 1990)⁵ que consiste em oferecer comentários, explicações e diretrizes para adequar o gênero tese aos critérios de aceitabilidade e validade científica eleitos por uma comunidade disciplinar específica. Caracteriza-se, desse modo, como um gênero de caráter avaliativo.

⁵ Segundo a concepção original de Swales (1990), o conceito de propósito comunicativo é um critério definidor relevante na constituição do gênero. Para o autor, “esses propósitos são reconhecidos pelos membros especializados de uma comunidade discursiva original e, desse modo, passam a constituir a razão subjacente ao gênero” (Swales, 1990, p. 58). A partir desses

Audiência como Voz Acadêmica

Esse caráter enredado do gênero situa-se também na relação entre o produtor do gênero (neste caso, o autor da tese) e a audiência (Ede & Lunsford, 1984), seja invocada/imaginada (possível público leitor) ou real, endereçada para fins específicos (p. ex., orientador, examinadores em bancas e pareceristas). Nesse caminho de mão dupla, que se instaura entre o escritor e o destinatário, a noção de audiência, seja no sentido individual ou no coletivo do termo (leitor(es/as) x comunidades discursivas e disciplinares), invoca sempre um imaginário social – conjunto de crenças, expectativas e atitudes – a ser reconhecido como elemento crucial em qualquer situação retórica.

Na situação retórica ‘emissão de parecer’, por exemplo, a audiência deixa de ser essa figura invocada e passa a ser um leitor endereçado cuja função é cumprir o papel de responder ao texto do(a) pós-graduando(a), oferecendo retornos importantes para a tomada de consciência pelo(a) pós-graduando(a) dessa exigência retórica na composição de uma tese e para o entendimento da natureza da construção do conhecimento em um campo disciplinar específico.

Além desses aspectos, é importante que se tenha em mente o papel institucional dessa audiência cujos posicionamentos se marcam por meio de recursos linguísticos e retóricos. A audiência representa uma voz acadêmica cujo dizer sustenta padrões de qualidade e condutas éticas na investigação acadêmica. Representa uma voz⁶ (Bakhtin, 1979/2000) não apenas de controle institucional – um guardião de território de pesquisa (gatekeeping) –, mas também de assistência e alinhamento na tarefa institucional de formar pesquisadores(as) (Yakhontova, 2019).

Feedbacks Avaliativos e Formativos

A compreensão do caráter responsivo⁷ da linguagem (Bakhtin, 1979/2000), além de trazer à tona a importância da audiência no despertar dos gêneros, contribui, também, para evidenciar o potencial que os feedbacks do(a) leitor(a) propiciam nesse processo de conscientização da linguagem.

Organizados na forma de explicações, diretrizes, sugestões, pedidos de esclarecimento e recomendações, esses feedbacks, normalmente, carregam um tom avaliativo, embora cumpram, também, uma função didática, formativa

objetivos comuns partilhados por membros de uma comunidade, o gênero se organiza estruturalmente, mantendo o foco em uma determinada ação retórica.

⁶ Conforme Bakhtin (2000, p. 353), “uma atitude fecunda com a língua exclui a palavra separada da voz, a palavra da pessoa. Em cada palavra há vozes, vozes que podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas”. Nesse sentido, a palavra do parecerista não é uma enunciação individual. Ela representa uma voz social, impregnada e sancionada por outras vozes presentes no mundo social. É pelo recurso da voz que os pareceristas marcam posições que revelam a ideologia da vida acadêmica.

⁷ Ao afirmar que “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se um locutor”, Bakhtin (2000, p. 290) destaca um princípio fundamental da linguagem: a responsividade, correspondente à ideia de que a compreensão de um enunciado é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa. O ato de responsividade coloca o locutor numa posição discursiva ativa, tornando-o capaz de concordar, discordar, completar e avaliar a comunicação discursiva, sempre em sintonia com as condições de produção do enunciado. Assumir uma atitude responsiva ativa na condição de leitor (parecerista) de uma tese significa expressar um juízo de valor, uma reação/resposta a um discurso escrito, oferecendo ao interlocutor/destinatário (pós-graduando) uma contrapalavra determinada pela situação social. Os feedbacks, nesse sentido, têm um caráter responsivo.

(Chong & Lin, 2023). Esse processo regulador estaria direcionado para um ideal de padronização – aquilo que se poderia designar como uma ‘boa’ tese em uma área específica. Assim, além de evidenciarem diretrizes para o estudo, voltadas para o texto e para o autor (Yakhontova, 2019), esses feedbacks denunciam também quem é essa audiência, o que se mostra na forma como são escriturados os pareceres: marcas de estilo/logos, sentimentos/pathos e identidade/ethos (Devitt et al., 2004).

Esses feedbacks evidenciarão, cremos, critérios de avaliação oclusos (Hyland, 2001) no processo apreciativo operado por pareceristas em situação de exame de teses e dissertações (também de artigos em processo de submissão editorial). É nessa direção que são analisados os pareceres que constituem os dados deste estudo.

METODOLOGIA

Metodologicamente, este estudo é de natureza qualitativa-interpretativista (Moita Lopes, 1994), constituindo-se em uma abordagem documental⁸. A análise limita-se ao recurso de uma leitura atenta e sistemática do corpus, constituído por dez (10) pareceres acadêmicos, organizado, inicialmente, em um quadro geral que evidenciou os traços linguísticos selecionados pelos(as) pareceristas nas apreciações feitas a nove (9) teses em andamento, o que nos permitiu inferir certos posicionamentos discursivos utilizados por esses(as) leitores(as) nesse tipo de apreciação institucional. Essas teses foram submetidas por pós-graduandos(as) matriculados na disciplina ‘Seminário de Teses’, ofertada no semestre 2023.1, em um Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada de uma universidade pública brasileira.

Por razões éticas, a identidade profissional dos(as) pareceristas foi preservada, bem como a dos(as) pós-graduandos(as) cujas teses foram avaliadas. Em função da confidencialidade dos dados, os pareceres analisados receberam os códigos PI e PE, correspondentes a Parecerista Interno e Externo à instituição. Tivemos cinco Pareceres Internos e cinco Pareceres Externos. Ainda com vistas a essa razão, os(as) pareceristas e os(as) autores(as) das teses em andamento concederam permissão para usarmos as informações dos 10 pareceres para análise e interpretação. Em relação à avaliação, os(as) pareceristas receberam do programa de pós-graduação, a cópia da tese em formato PDF e um formulário com um roteiro constituído de sete descritores e cinco orientações para elaboração dos pareceres acadêmicos.

Tendo como categoria central de discussão a noção de audiência, vista à luz dos feedbacks emitidos pelos(as) pareceristas, a análise dos dados foi dividida em dois momentos. Primeiramente, analisamos as apreciações feitas pelos(as) pareceristas na qualidade de leitores(as) das teses submetidas para qualificação. Nesse momento, categorizamos essas apreciações feitas, conforme exame das marcas lexicais apontadas nos comentários dos(as)

⁸ Pesquisa documental – consiste em um tipo de pesquisa que utiliza informações de fontes primárias (Lakatos & Marconi, 2003), isto é, dados documentais que ainda não sofreram tratamento analítico, tais como: registros estatísticos, relatórios governamentais, jornais, cartas, revistas, pareceres, arquivos escolares, fotografias, entre outros materiais escritos ou de outra ordem os quais assegurem uma análise criteriosa e rigorosa.

pareceristas no corpus. A seguir, analisamos a imagem (self) da audiência endereçada, os(as) pareceristas, a partir de recursos retóricos da ordem do logos, pathos e ethos. Pela análise procedida, tivemos a expectativa de apontar: 1) o papel da audiência endereçada no processo de qualificação das teses e 2) o potencial dos feedbacks oferecidos para a conscientização pelos acadêmicos dos recursos linguísticos e retóricos que regulam o gênero tese e das marcações ideológicas que se escondem na voz institucional da audiência acadêmica.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DOS PARECERES DE TESES EM ANDAMENTO NA ÁREA DE LINGUÍSTICA APLICADA

Nesta seção, interessa-nos discutir o agir discursivo de pareceristas de teses em andamento, na condição de audiência endereçada, à luz dos feedbacks (apreciações) por eles expressos em pareceres acadêmicos da área de LA. A análise dessa figura retórica tem como foco de atenção dois eixos: os posicionamentos apreciativos e diretivos (o que) da audiência endereçada e a imagem (identidade) por ela construída (quem), via recursos semântico-pragmáticos.

Após uma leitura cuidadosa e sistemática do corpus, delineamos diferentes categorias de feedbacks que emergiram do nosso olhar. Passamos a apresentá-las na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1. *Categorias de feedbacks avaliativos*

1 Audiência: posicionamentos apreciativos e diretivos (O QUE é apreciado)
1.1 Apreciação positiva
1.2 Apreciação negativa
1.2.1 Aspecto conceptual
1.2.2 Aspecto metodológico
1.2.3 Aspecto estrutural/organizacional
1.2.4 Aspecto técnico
1.2.5 Aspecto formal
1.3 Apreciação didática
2 Audiência: imagem/identidade (QUEM aprecia)
2.1 Logos – aspectos linguísticos
2.2 Pathos – sentimentos
2.3 Ethos – construção de imagem

Antes de iniciarmos a discussão do conteúdo dessas apreciações, identificamos nos pareceres uma atitude de agradecimento por parte da audiência por ter sido convidado(a) a ler e avaliar a tese (Ex. 1). A audiência, também,

apresenta um resumo geral da tese em suas diferentes partes, informando o que já foi realizado e o que ainda falta, por ser um texto em construção (Ex. 2).

(1) Primeiramente gostaria de agradecer à doutoranda xxxxx pela oportunidade de ler e avaliar sua tese em andamento, (...) pela confiança atribuída para a realização deste parecer (PE5, p. 1).

(2) A tese em andamento de xxxx tem como título xxxx. Apresenta como objetivo geral: averiguar de que forma uma proposta de práticas... (PI2, p. 1).

Audiência: posicionamentos apreciativos e diretivos (O QUE é apreciado)

O primeiro bloco de posicionamentos apreciativos e diretivos tem como objetivo avaliar o conteúdo das teses de forma positiva e/ou negativa. Nesse bloco, a audiência apresenta juízos de valor acerca das informações apresentadas na tese, avaliando se elas estão coerentes ou não, segundo as práticas acadêmicas da comunidade discursiva da área, o que é feito por meio de marcas linguísticas e discursivas. Por questão de análise, apresentamos as apreciações separadamente em duas categorias: apreciação positiva e apreciação negativa.

Apreciação positiva

A apreciação positiva caracteriza-se pela expressão e uso de marcadores linguísticos e discursivos: adjetivos e advérbios qualificadores de sentido positivo, verbos performativos e epistêmicos e pronomes de primeira pessoa do singular, avaliando o texto da tese de forma geral e comentando sobre suas partes como: o resumo, o sumário, a introdução, os objetivos, o referencial teórico, a metodologia e as análises preliminares.

Os dados dos pareceres nos mostram que, ao comentar o conteúdo das diferentes partes da tese, a audiência endereçada (pareceristas) adota posições 'interacionais' e 'avaliativas' (Hyland, 2004), para revelar seu ponto de vista e a relação que ela mantém com o conhecimento tratado no estudo (tema da tese) e com os seus leitores (doutorando(a), orientador(a) e professores(as) da disciplina), por meio de marcadores que qualificam positivamente o texto da tese, projetando, com isso, credibilidade e comprometimento. Esse ponto de vista é manifestado, na maioria dos casos, pelos advérbios "bem" e "muito" os quais enfatizam verbos, como em: bem escrito, muito bem atualizado e, por adjetivos, como em: redação primorosa, interessante tessitura teórica.

Apreciação negativa

Nesse tipo de apreciação, a audiência entende que é também necessário apontar as apreciações negativas, ao perceber que o texto da tese lida ainda apresenta lacunas de diferentes tipos, tais como: conceptual, metodológica, estrutural/organizacional, aspectos técnicos e aspectos formais de linguagem, fornecendo, assim, feedbacks críticos, como forma de colaboração para o aprimoramento do texto lido.

Aspecto conceptual

No quesito conceptual, a audiência, ao atender a um dos aspectos sugeridos pelo roteiro avaliativo da disciplina, oferece feedbacks avaliativos negativos por meio de comentários críticos sobre as ideias e o conteúdo da tese lida,

sobre a falta de diálogo entre os referenciais teóricos e as análises, podendo incluir discordância com o(a) autor(a) em relação às conclusões ou interpretações, como pode ser observado nos seguintes exemplos:

(3) Acredito que deve haver um melhor diálogo, entretanto, da fundamentação com as categorias de análise escolhidas pela doutoranda (...) (PI3, p. 2).

(4) O doutorando expõe muitos conceitos e noções de Bakhtin e do Círculo, ..., mas desenvolve pouco a sua análise e interpretação como pesquisador; (...) (PE3, p. 3).

As evidências linguísticas e discursivas nos exemplos (3) *Acredito que deve haver um melhor diálogo, entretanto, da fundamentação com as categorias de análise escolhidas...* e (4) *O doutorando expõe muitos conceitos e noções de Bakhtin e do Círculo, mas desenvolve pouco a sua análise e interpretação...*, deixam claro que o foco do feedback da audiência reside, especialmente, na falta de clareza dos conceitos, na falta de diálogo entre os referenciais teóricos e as categorias de análise e na lacuna de não evidenciar a importância dos conceitos para uma determinada teoria. Os comentários críticos da audiência têm a função de chamar à atenção dos(as) autores(as)-aprendizes sobre a necessidade de reverem os problemas conceptuais, aspecto muito importante para auxiliar nas análises do *corpus* da tese.

Aspecto metodológico

Outra categoria de feedbacks avaliativos negativos diz respeito ao aspecto metodológico das teses. Aqui, a audiência fornece comentários críticos relacionados ao tipo de pesquisa e à abordagem selecionada, à validade dos métodos, aos procedimentos de geração de dados e às definições e aos usos de terminologia e fórmulas adotadas na pesquisa, como se pode verificar nos exemplos a seguir:

(5) *Uma sugestão talvez seja situar a discussão nos eixos que você já propõe ao explicar etnograficamente como as questões de pesquisa foram se modificando no desenrolar da experiência (...)* (PE4, p. 4).

(6) *No que se refere à descrição do contexto de pesquisa (seção 3.3), sugiro um melhor detalhamento das informações (p. 3). Creio que este quadro 4 esteja mais de acordo com a seção de procedimentos de geração de dados, ou figure nos anexos (PE5, p. 3).*

Nos elementos discursivos e linguísticos usados nos exemplos (5) e (6), *uma sugestão talvez seja situar...*, *sugiro um melhor detalhamento das informações...*, apresentados em diferentes formatos (sugestão, opinião), está implícita uma crítica por parte da audiência, voz acadêmica de autoridade e experiência em fazer pesquisa, sobre aspectos metodológicos mencionados na tese. A crítica suave é expressa por meio de expressões de cortesia, modalizadores (talvez seja situar a discussão...) e verbos performativos e epistêmicos (*sugiro, creio*). É um recurso que tem a função de apontar as inadequações terminológicas, detalhar as modificações relativas às questões de pesquisa do estudo e questionar a falta de informações suficientes sobre o contexto da pesquisa. A audiência se mostra “capaz de se fazer

entender como sujeito situado” (Blommaert, 2005, p. 222) no contexto acadêmico, ao utilizar seu conhecimento no sentido de colaborar com os(as) autores(as) para tornar o texto da tese mais compreensível.

Aspecto estrutural/organizacional

Em seus feedbacks avaliativos negativos, a audiência oferece comentários críticos sobre aspectos relacionados à estrutura e composição do texto revisado e sugere mudanças apropriadas para dar maior clareza ao texto. Esse tipo de feedback pode conter requisitos como a divisão adicional do texto em subseções, introdução de legendas e melhoria de recursos visuais e/ou apêndices, mudança de posição de quadro/tabela. Exemplos:

(7) Acho que trazer o programa da disciplina na seção de apêndices/anexos *seria bem interessante* e enriqueceria o trabalho (PI4, p. 3).

(8) Acho que o quadro 1 (p. 26) não é quadro e sim tabela. Veja se não pode reorganizá-lo de modo que a explicação ganhe maior destaque (...). Também acho que este quadro *merece ser mais bem explorado* (...) (PI1, p. 5).

Embora a tese, como gênero acadêmico, tenha uma estrutura normatizada e convencionalizada pela comunidade acadêmica, nesses exemplos, percebe-se, claramente, que o feedback crítico da audiência tem como foco maior a organização das informações relacionadas aos procedimentos metodológicos, a organização das seções e subseções (ex. 7), a organização de quadros e tabelas (ex. 8) por meio do uso de elementos linguísticos negativos (*não, nem*), de verbos epistêmicos (*acho*), e de expressões modalizadoras (*seria bem interessante, merece ser mais bem explorado*). Essas intervenções revelam o papel da voz acadêmica institucional no cuidado de conscientizar os(as) autores(as) da tese sobre as lacunas e, ao mesmo tempo, de apresentar sugestões e opiniões de como o problema pode ser solucionado, mantendo, assim, o padrão exigido pela comunidade acadêmica.

Aspecto técnico

Esse aspecto é importante na escrita acadêmica porque se refere aos comentários críticos do(a) parecerista, relacionados ao uso da normatização da ABNT, adotada e reconhecida pela comunidade acadêmica brasileira para a elaboração de textos acadêmicos, incluindo a tese. Na amostra analisada, poucas foram as recorrências desse tipo de feedback avaliativo, apresentando-se estas sempre na parte final dos pareceres. Exemplos:

(9) No último caso, sugiro verificar *normatização da ABNT* quanto às citações longas (vide páginas 11 e 25, por exemplo, com citações acima de 3 linhas no corpo do texto) e (...) (PE1, p.2).

(10) A tese deve ser ajustada às normas previstas no *Manual de Normalização da xxxx*, condição essencial, após a defesa de tese (...) (PI5, p. 3).

Nos exemplos (9) e (10) pela repetição de termos como *normatização da ABNT* ou *Manual de Normalização da xxxx*, a audiência acadêmica chama à atenção dos(as) autores(as) para a observância das normas técnicas de construção

de tese, principalmente no que diz respeito às citações curtas e longas, para que o texto corresponda às normas estabelecidas pela comunidade disciplinar.

Aspecto formal

Os feedbacks avaliativos negativos relacionados aos aspectos formais também foram fonte de preocupação da audiência. Referem-se aos erros lexicais, gramaticais e de pontuação, erros em cálculos e fórmulas, formulações malsucedidas, repetições e erros de digitação desnecessários, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(11) Embora no geral o trabalho se apresenta adequado aos aspectos formais[...] há questões de forma (frases truncadas, erros de pontuação, acentuação, repetições de verbos, períodos longos); formatação (modo de referências, citações); (...) (PI1, p. 3).

(12) Com vistas à versão final da tese, recomendo que o texto passe por uma revisão cuidadosa com relação aos aspectos linguísticos (crase; palavras repetidas; pontuação) e formais (PE1, p. 2).

Apreciação didática

A apreciação didática refere-se ao feedback avaliativo em que a audiência acadêmica oferece sugestões e recomendações utilizando o seu conhecimento da área de estudo da tese, no sentido de colaborar para a boa condução final do trabalho. Esses feedbacks têm uma função mais formativa e didática e incluem indicações de referências de outros estudos na mesma área, além de contribuições para melhorar a qualidade do texto. Alguns exemplos dessa categoria são:

(13) Neste ponto, *faço* uma observação que pode contribuir para qualidade da textualização da análise: é preciso organizar as enunciações tanto na seção de descrição dos dados, quanto na seção de análise propriamente dita (PI2, p. 3).

(14) Penso que a pesquisadora pode deixar aparecer mais a sua voz, seus posicionamentos, suas reflexões, eventuais críticas etc. (PI4, p. 4).

Os exemplos (13) e (14) revelam esta última estratégia apreciativa didática em que a audiência acadêmica, por meio de verbos como *faço* (uma observação) e *penso*, usados em primeira pessoa do singular, ensina o(a) autor(a) da tese como ele(a) deve obter a qualidade de seu texto. Como leitor, avaliador e membro reconhecido da comunidade discursiva, o(a) parecerista oferece, no final do parecer, uma última contribuição ao autor, na forma de considerações e sugestões para auxiliá-lo na condução final do seu trabalho investigativo e, dessa forma, legitimar a sua tese.

É perceptível que, ao fornecer os feedbacks de natureza apreciativa, observados e identificados no corpus desta pesquisa, a audiência acadêmica parece construir uma identidade e uma imagem de si mesmo, como uma persona humana, cortês e colaborativa que auxilia os(as) autores(as)-aprendizes a perceberem os problemas na construção de suas teses e a desenvolverem a competência escritora. Na próxima seção, tratamos mais detalhadamente da construção da imagem e da identidade da audiência acadêmica.

Audiência: Imagem/identidade (QUEM aprecia)

Se há marcas do discurso da audiência que respondem ao texto, ao autor e ao contexto na forma de apreciações positivas, negativas e didáticas – o QUE a audiência diz (aprecia) nos pareceres em resposta às teses –, conforme analisado na seção anterior, há outras que refratam a própria imagem da audiência ou a sua identidade (QUEM é a audiência), manifestando-se por meio de escolhas lexicais e/ou estilísticas que caracterizam apelos retóricos – *logos*, *pathos* e *ethos* – da situação comunicativa (Devitt et al., 2004).

Logos – aspectos linguísticos

Nesse movimento do *que* para o *quem*, a audiência faz uso de categorias pronominais, nominais, adjetivais, verbais, adverbiais, marcadores dêiticos e outros recursos pragmáticos para marcar o processo de interlocução, uma vez que toda essa seleção discursiva tem em vista uma audiência potencial, graças à natureza dialógica da linguagem (Bakhtin, 2000).

No que diz respeito ao pronome e a seus alternativos lexicais, observa-se no corpus a presença proeminente⁹ do pronome em primeira pessoa – *eu* (ocluído), *minha*. Esse recurso dêitico marca o *status* do(a) parecerista como *expert* na área, habilitado e legitimado pela comunidade disciplinar para avaliar e julgar a tese. O ‘*Eu*’ na qualidade de *revisor* representa as vozes oriundas da vida universitária, constituindo-se em uma *voz acadêmica* que assume a responsabilidade e a autoridade de garantir o padrão de qualidade do produto científico construído e submetido a seu julgamento. Observe-se em:

(15) Ainda no escopo das referências teóricas, *sugiro* um melhor diálogo entre as citações e seu texto. A voz da teoria deve “conversar” com seu texto e não simplesmente estar nele para dar credibilidade (PE5, p. 3).

(16) *Minha* sugestão é que as seções 2 e 3 sejam relacionadas com a temática de sua pesquisa, assim como foi feito na seção 4 (PI1, p. 4).

À dupla indexicalidade, denotada na relação interpessoal *Eu* e *aquela que revisa* (leitor), cujo papel é apreciar o texto sob juízo, somam-se outros pares interativos: ‘*Eu*’ e o ‘*autor*’, ‘*Eu*’ e a ‘*tese*’ e ‘*Eu*’ e o ‘*leitor*’ os quais mostram o valor intersubjetivo do pronome e as suas variadas formas de endereçamento. Vejam-se as ocorrências:

(17) *Aproveito* a possibilidade de contribuir para o *seu* aprimoramento com algumas sugestões: (PE3, p. 4)

⁹ Embora não tenhamos efetuado um tratamento estatístico dos dados em análise, foi possível verificar por meio de uma leitura atenta e sistemática a presença marcante de certos itens lexicais bem como a limitada ocorrência de outros, o que nos permitiu fazer determinadas inferências.

(18) *Faço* considerações mais pontuais com relação aos aspectos de cunho teórico-metodológico para que a *tese* chegue a bom termo (PE1, p. 3).

(19) *Acredito*, ainda, que o doutorando deveria informar ao *leitor* para que a descrição e a classificação dos gestos pedagógicos servem dentro do âmbito dos estudos no qual sua pesquisa se encontra (PE3, p. 4).

Nos exemplos (17), o pronome ‘*Eu*’ (ocluso) se endereça ao ‘*autor*’ da tese. O(A) parecerista, ao prever esse par, centra a sua atenção não nele próprio, mas na figura do(a) autor(a). Nesses termos, a contribuição do(a) leitor(a) destina-se à qualificação profissional do(a) pós-graduando(a) ou chama à atenção de competências que este já possui, apresentando, por isso, um caráter didático. No exemplo (18), a apreciação do(a) parecerista desloca-se para o objeto de análise, a ‘*tese*’. Valoriza, nesse sentido, a necessidade de este documento científico “chegar a bom termo”, isto é, atender aos parâmetros científicos esperados pela academia. No exemplo (19), o endereçado é o ‘*leitor*’. O(A) parecerista posiciona-se frente à importância de o(a) doutorando(a) “*informar ao leitor*” certos aspectos da pesquisa. É para este par que o(a) leitor(a) dirige a apreciação (crença) que faz.

Além do uso de primeira pessoa do singular, o(a) parecerista utiliza-se, também, da primeira pessoa do plural, como em:

(20) ...o doutorando, a nosso ver, realiza um estudo inovador e singular ao propor uma análise do gesto pedagógico... (PE3, p. 2).

Ao recorrer à primeira pessoa do plural (ex. 20), atitude acompanhada por um recurso parentético, o(a) parecerista assume um *tom menos categórico* (preservação da sua imagem como avaliador e cuidado ético para com o outro frente ao(à) doutorando(a), mas também um ‘*lugar coletivo*’, na medida em que tenta apoiar-se em argumento que pode favorecer a comunidade disciplinar “*um estudo inovador e singular... do gesto pedagógico*”, para justificar o seu dizer.

Também faz uso, de maneira esporádica, da terceira pessoa. Ocorre em:

(21) Ao final, retomando as questões de pesquisa: ... Vê-se que, as questões 1 e 2 foram bem encaminhadas na tese, e as 3 e 4 seguem um bom direcionamento argumentativo (PI1, p. 6).

Nessa passagem (ex. 21), há um apagamento do sujeito leitor da tese. A intenção é estabelecer uma relação de distanciamento frente ao(à) autor(a), embora não se isente de envolvimento com o conteúdo do texto. Traduz-se como um tom mais objetivo, típico de pareceristas de outros campos científicos, por exemplo, o das ciências exatas, conforme indicam estudos (Yakhontova, 2019).

Esse caráter avaliativo, próprio dos pronomes, apresenta-se, também, em lexias nominais, adjetivas e adverbiais selecionadas pelos(as) pareceristas. São exemplos:

(22) O texto está em andamento, porém já traz uma *boa* análise, fruto de uma metodologia *sólida e consistente* (PI1, p. 2).

(23) Traz um resumo *bem* escrito, sumário *bem* feito, as imagens das figuras são *muito* boas e nítidas (PI1, p. 2).

(24) ...metodologia adotada pela pesquisadora em formação é *absolutamente* adequada (PI2, p. 3).

(25) Passando pela fundamentação da análise dos dados até a sua proposta metodológica, apontam para sua *maturidade* como pesquisadora e para a certeza de horizontes promissores (PE4, p. 1).

Em (22), (23) e (24), ocorrem adjetivos e advérbios que apresentam uma carga apreciativa. Sua utilização tem o propósito de destacar a qualidade da tese em termos metodológicos, organizacionais e gramaticais (*boa, sólida, consistente, bem, muito e absolutamente*), acentuando, positivamente, atitudes da pesquisadora. Em (25), o uso de nome com valor semântico positivo destaca atributo da pesquisadora (*maturidade*), o que expressa *alinhamento (footing)*¹⁰ por parte da audiência e manifestação de estar aberta a reconhecer e a acolher a pesquisadora como futuro membro da comunidade disciplinar.

Outro recurso de grande importância semântico-pragmática diz respeito à presença no *corpus* de verbos de natureza epistêmica, performativa, de controle e de polidez. Atente-se para os exemplos:

(26) *Penso* que se pode trazer mais dados do curso de Letras/Espanhol, o perfil (em geral) do público desse curso (PI4, p. 3).

(27) Fico a me *perguntar* se a adoção de gráficos (pizzas) apontando os resultados obtidos em cada item do(s) questionário(s) não tornaria a leitura mais fluida (PI4, p. 4).

(28) *Explicitar*, nos objetivos, que a análise se pautará nos textos dos dois professores porque... (PE1, p. 3).

(29) O Resumo *precisa*, igualmente, ser revisado no que concerne à formatação, uma vez que, segundo a ABNT, deve vir em uma única página (PE1, p. 2).

(30) Já *felicito* a pesquisadora por esse empreendimento que, a meu ver, foi bem sucedido (PI4, p. 2).

¹⁰ Para Goffman (1981), o conceito de *footing* expressa a maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução numa situação comunicativa. Ocorre sempre que as pessoas mudam suas formas de participar e de falar numa interação verbal (alinhamento), em um processo de negociação entre os interlocutores.

O verbo *'pensar'* (ex. 26), equivalente a supor, imaginar, reconhecer, crer, acreditar, deduzir, calcular, entre outros, é um verbo de caráter cognitivo. Consiste em uma expressão de modalidade *epistêmica* (Hyland, 2001) a partir da qual o(a) parecerista apresenta suas percepções, crenças e posicionamentos acerca de um conteúdo proposicional. Aplica-se como uma indicação de inferência deduzida a partir de evidências que se têm como certas, mas também pode expressar incerteza ou preocupação relativa à aceitabilidade por parte do interlocutor que pode ou não concordar com a sugestão feita. É o que ocorre no exemplo (27). O uso do verbo *'perguntar'* dá espaço para a dúvida, ao mesmo tempo que revela um certo grau de relativização ou não comprometimento com o dito pelo(a) parecerista. Já em (28), o verbo *'explicitar'* apresenta um caráter *performativo*. Corresponde a um *ato de agência*, ao significar que: a sugestão e/ou recomendação dada pelo(a) parecerista deve ser feita/cumprida. No exemplo (29), o verbo *'precisar'* assume uma orientação mais vigorosa, funcionando como um verdadeiro mecanismo de *controle*. Tanto os verbos performativos como os que denotam controle compõem, pesadamente, a parte (*move*) do parecer que sustenta as críticas ao estudo, uma vez que equivalem a diretrizes a serem atendidas pelos(as) autores(as). Há verbos, entretanto, que não carregam esse juízo de valor. São aqueles que se inclinam para positivas apreciações, como *'felicitar'* a pesquisadora (e a orientadora) pela qualidade do trabalho, como ocorre em (30). Verbos como esse refletem o *princípio de polidez* (marcadores de *stance*) e permitem criar uma atmosfera interacional amena e de empatia entre os(as) participantes da situação comunicativa. Ocorrem, geralmente, nos movimentos retóricos (Swales, 1990) de introdução e de fechamento do parecer.

Ainda em relação aos verbos, é importante enxergar aspectos como tempo e modo que apresentam matizes semânticos específicos. Mostra-se em:

(31) *Gostaria* de parabenizar a doutoranda e sua orientadora pela temática adotada na pesquisa de tese, dada sua relevância e contribuições que trará à área (PE1, p. 1).

(32) *Note* que o trabalho pretende investigar a interface dos RED e o ensino de IFE, portanto, é fundamental mostrar este ponto (PI3, p. 4).

(33) *Rever* o uso do termo “audiodescrição” nas notas de rodapé 31 e 32... (PE1, p. 4).

No exemplo (31), o uso do verbo no tempo futuro condicional *'gostaria'* traduz-se como uma *estratégia de modalização* (Hyland, 2001) que confere um tom de cortesia e polidez ao dito. É um recurso interacional que, certamente, contribui para um clima de maior envolvimento entre os interlocutores. Já nos exemplos (32) e (33), o uso de verbos no modo imperativo ou com valor de ordem *'note'* e *'rever'* está direcionado para o sentido de controle (*gatekeeping*). Revela o *status* do(a) parecerista como guardião de um território de pesquisa que se vê como *expert* na área, autorizado a chamar à atenção, julgar e demandar.

Assumem também um caráter impositivo as expressões negativas, como em:

(34) *Não* consegui ver a pertinência, para o ensino de IFE, das ilustrações apresentadas na discussão e possibilidades dos RED (PI3, p. 3).

Nesse exemplo (34), o uso do ‘*não*’ é fortemente crítico. Pode ser interpretado como uma contestação ou dúvida sobre a pertinência do que é proposto na pesquisa.

Na esteira dos recursos de linguagem que expressam posicionamento contrário estão as *conjunções adversativas* (mas, porém, entretanto e todavia). Na gramática tradicional, essas conjunções assinalam um valor semântico contrastivo frente à oração imediatamente precedente (ex. 35). Ver, a seguir:

(35) A doutoranda afirma concordar com essas diretrizes, *mas* não deixa explícito que tais diretrizes orientaram a elaboração das atividades dos participantes da sua pesquisa (PE5, p. 3).

A maioria dos recursos linguísticos utilizados pelos(as) pareceristas denota o caráter formal das enunciações e de distanciamento nas interações estabelecidas na academia os quais marcam o *status* dessa *persona* como estando numa posição de poder. Outros, entretanto, trazem marcas de informalidade e envolvimento interacional. Ocorre no exemplo (36), a seguir.

(36) A revisão formal foi bem feita, sobrando *apenas umas formigas aqui e ali* (PI2, p. 4).

Em suma, os dados evidenciam que a utilização de recursos da ordem do *logos* pelos(as) pareceristas ora se inclina para o estabelecimento de trocas interacionais assimétricas e de distanciamento, de caráter mais crítico, elaboradas em um tom formal, ora para enquadres de envolvimento, formulados em um tom mais coloquial.

Pathos – sentimentos

Os traços linguísticos utilizados pelos(as) pareceristas não apenas carregam significados semântico-pragmáticos. Expressam, ainda, o estado de espírito do locutor em relação à tese ou à pesquisadora, traduzindo sentimentos e emoções como prazer, alegria, preocupação, pena, tristeza ou simpatia pelo público. Trata-se de um artifício retórico que, de fato, influencia na avaliação de um texto. No *corpus* em análise, destacam-se exemplos como:

(37) As sugestões e apontamentos que fiz aqui seguem tecidas por *boas energias, pelo prazer* de ter lido seu texto, xxxx, e pelo desejo de um bom termo de sua pesquisa (PI2, p. 5).

(38) No mais, *parabéns* pelo trabalho, singular, ao passo que representativo e de extrema relevância social. Sigo como *expectador admirado* de sua cantoria (PE4, p. 2).

Como se vê, as avaliações, emitidas pelos(as) pareceristas nos exemplos (37) e (38), estão carregadas de valor positivo. Traduzem sentimentos de prazer, admiração e satisfação pelas expectativas atendidas.

Ethos – construção de imagem

Ao tecerem avaliações, os(as) pareceristas usam lexias, expressões e recursos interacionais que constroem uma imagem (*self*) de si, reveladora da sua identidade e do seu papel na academia (Yakhontova, 2019) . Ver passagens, a seguir:

(39) *Na minha opinião* os referenciais e modelos teóricos adotados atendem à proposta da pesquisa (PI4, p. 3).

(40) Feitas *minhas* considerações – que, *espero*, colaborem para o desenrolar da pesquisa e redação do texto final – devo admitir que a leitura por mim realizada foi enriquecedora (PE4, p. 2).

(41) *Entenda*: essas questões que ora proponho agem no sentido de perguntar a você quem é o leitor que você almeja para seu trabalho e como você espera que ele se entextualize no campo da educação popular (PE4, p. 2).

(42) *Como leiga em lexicologia*, pergunto se um quadro com mais de cem páginas não pode ir para a seção de anexos/apêndices e se, no corpo do texto da tese, não pode ficar apenas um trecho como amostra de análise/descrição (PI1, p. 5).

(43) Uma sugestão *talvez* seja situar a discussão nos eixos que você já propõe (PE4, p. 2).

Nessas passagens, a utilização de pronomes e verbos do tipo: *Na minha* opinião (ex. 39), *minhas* (ex. 40) e *entenda* (ex. 41) revelam o *ethos* do(a) parecerista. Marcam o *status* social, destacando o seu papel na academia. São recursos que cumprem a função de identificar esse(a) examinador(a) como uma pessoa de autoridade e credibilidade que tem o poder legítimo de demandar conforme as regulações (normas e valores) que orientam a academia. Nesse papel, cumpre a ele manter a hegemonia do discurso científico em relação ao qual o(a) pós-graduando(a) deve se submeter em um processo de aculturação. Mesmo nesse papel legitimado de *expert*, o(a) parecerista, em ocasiões em que não se sente convicto, ele faz uso de ressalvas '*Como leiga em lexicologia*' (ex. 42) para preservar a sua imagem de especialista. É também sua preocupação amenizar o seu discurso por meio de modalizadores '*talvez*' (ex. 43). Esses recursos enfraquecem a força do avaliar, alinhando o(a) parecerista numa interação menos tensa e de mais cordialidade e polidez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se que os gêneros são entidades enredadas que se constroem e se formatam na relação com outros gêneros textuais, mas também na relação com aspectos de natureza contextual, como, por exemplo, a audiência, os propósitos comunicativos, o suporte, o espaço-tempo e a cultura em que se inserem (os domínios sócio-históricos e culturais), o gênero parecer, neste estudo, teve como lente interpretativa a dimensão da audiência endereçada, no caso, os(as) pareceristas de teses em andamento, a partir dos seus feedbacks avaliativos.

O estudo evidenciou que os(as) pareceristas fazem apreciações de natureza avaliativa positiva, negativa e formativa. Essas apreciações, feitas na forma de feedbacks, assumiram diferentes funções: 1) apresentar elogios ou aspectos positivos relacionados ao texto (organização, formato, adequação ao gênero e qualidade textual), ao(à) autor(a) (qualidades como pesquisador(a) e habilidades linguísticas), ao(à) coautor(a) (felicitações pelo acompanhamento), à banca examinadora (cumprimentos) e ao contexto (relevância teórica e social da pesquisa, direcionamento teórico-metodológico, fontes de consulta); 2) tecer avaliações críticas, ou seja, diretrizes e sugestões atinentes à pesquisa as quais tinham como objetivo causar mudanças na forma como o estudo se desenvolveu ou alterações no processo de escrituração da tese; 3) fazer recomendações que pudessem melhorar o 'dizer' da tese e/ou os procedimentos de pesquisa adotados pelos(as) pós-graduandos(as) e 4) oferecer recomendações que contribuíssem para a melhoria do trabalho e o desempenho do(a) pesquisador(a) em formação. As avaliações, nesse sentido, cumprem, igualmente, uma função formativa. Funcionam como ferramentas para criticar (no sentido positivo e negativo), abrir portões de acesso para membros iniciantes na academia e provocar neles mudanças de conduta próprias de uma cultura disciplinar.

Além desses aspectos relativos às ações linguísticas dos(as) pareceristas frente à investigação (o QUE dizem), o estudo ofereceu importantes contribuições a respeito de QUEM são esses(as) pareceristas. Fundamentada em aspectos da ordem do *logos*, do *pathos* e do *ethos*, a análise dos dados evidenciou a imagem (*self*) da audiência endereçada. Tais evidências resultaram da análise centrada nas escolhas lexicais e nos recursos estilísticos utilizados pelos(as) pareceristas, tais como: a seleção de pronomes, verbos, adjetivos, nomes, advérbios, expressões interrogativas e negativas bem como a utilização de recursos interacionais, na forma de estratégias de modalização e de princípios de polidez ou cortesia, alinhamento e preservação da face. Essas escolhas, cremos, mostraram-se essenciais no processo de escrituração, além de indexarem os(as) pareceristas em uma comunidade disciplinar.

A análise do *corpus* revelou, também, várias atitudes dos(as) pareceristas, quais sejam: 1) atitude enunciativa (tratamento em 1ª pessoa e uso de modalizadores); 2) atitude reflexiva frente ao ato comunicativo (uso de verbos epistêmicos); 3) atitude de controle (uso de verbos performativos, uso de negativas e interrogações); 4) atitude de engajamento e aliança (quando se alinha ao posicionamento do(a) autor (a)) e 5) atitude orientadora e formativa (uso de recomendações e sugestões voltadas para a melhoria do trabalho).

No que diz respeito, particularmente, à adoção de uma postura de controle, os(as) pareceristas, na condição de membros da academia, denunciam o seu papel institucional de guardião; figura que controla os padrões de qualidade científica dos relatórios acadêmicos e protege essa produção com base em princípios éticos embutidos na cultura disciplinar de que faz parte. A sua voz representa a coletividade. Melhor dizendo, a voz da audiência é multivocal por trazer as inúmeras vozes que ressoam de um imaginário de ciência situado. Quanto à atitude de engajamento, interpretamos que os(as) pareceristas se alinham à voz do(a) autor(a), atribuindo-lhe valorações de concordância, anuência e até admiração. Tais posturas amenizam a natureza do julgar, própria desta situação comunicativa,

salientam um clima de cortesia e prometem possíveis alianças entre nichos de pesquisa diferentes. Relativamente à atitude orientadora, a compreensão é a de que essas atitudes contribuem para a formação do(a) pesquisador(a). Todas essas condutas são reveladoras da identidade dos(as) pareceristas os(as) quais representam uma voz acadêmica.

Graças às formas de articulação consideradas na análise, quais sejam, as relações estabelecidas entre: 1) o gênero 'parecer acadêmico' e o gênero 'tese'; 2) a audiência e o parecer acadêmico e 3) a audiência e os feedbacks avaliativos/formativos, revelamos a natureza enredada do gênero parecer acadêmico (na relação com o gênero tese e outras práticas textuais), o papel social da *audiência* (parecerista em processo de revisão de tese em construção) que se define como uma *voz*, fruto de ressonâncias ideológicas do mundo acadêmico, e, ainda, os feedbacks emitidos pelos(as) pareceristas os quais contribuem para o despertar do gênero tese pelos(as) pós-graduandos(as) de LA, ao trazerem à evidência as convenções linguístico-discursivas que moldam esse gênero nessa cultura disciplinar, além de cumprirem a função didática de indicar formas de dizer legitimadas academicamente por meio de comentários (respostas) que potencializam a formação dos(as) pós-graduandos(as) em LA.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. M. (2000). *Estética da criação verbal*. Martins Fontes. (Original publicado em 1979).
- Bazerman, C. (2005). Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: Como os textos organizam atividades e pessoas. In C. Bazerman (Ed.), *Gêneros textuais, tipificação e interação* (pp. 19-46). Cortez.
- Bazerman, C. (2006). *Gênero, agência e escrita*. Cortez.
- Berkenkotter, C., & Huckin, T. (1995). *Genre knowledge in disciplinary communities*. NJ: Lawrence Erlbaum.
<https://doi.org/10.4324/9781315538747>
- Blommaert, J. (2005). Bourdieu the ethnographer: The ethnographic grounding of habitus and voice. *The Translator*, 11(2), 219-236. <https://doi.org/10.1080/13556509.2005.10799199>
- Chong, S. W., & Lin, T. (2023). Feedback practices in journal peer-review: A systematic literature review. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 1-12. <https://doi.org/10.1080/02602938.2022.2164757>
- Devitt, A. J., Reiff, M. J., & Bawarshi, A. (2004). *Scenes of writing: strategies for composing with genres*. Longman.
- Ede, L., & Lunsford, A. (1984). Audience addressed/Audience invoked: The role of audience in composition. *Theory and Pedagogy College Composition and Communication*, 35(2), 155-171. <https://doi.org/10.2307/358093>
- Giltrow, J. (2002). Meta-genre. In R. Coe, L. Lorelei & T. Teslenko (Eds.), *The Rhetoric and ideology of genre: Strategies for stability and change* (pp. 187-205). Hampson Press. <https://uirsg.files.wordpress.com/2013/02/giltrow-meta-genre.pdf>

- Goffman, E. (1981). *Forms of talking*. University of Pennsylvania Press.
- Hyland, K. (2001). Bringing in the reader: Addressee features in academic articles. *Written Communication*, 18(4), 549-574. <https://doi.org/10.1177/0741088301018004005>
- Hyland, K. (2004). *Disciplinary discourses: Social interactions in academic writing*. The University of Michigan Press. <https://doi.org/10.3998/mpub.6719>
- Johns, A. M., Bawarshi, A., Coe, R. M., Hyland, K., Paltridge, B., Reiff, M. J., & Tardy, C. (2006). Crossing the boundaries of genre studies: Commentaries by experts. *Journal of Second Language Writing*, 15(3), 234-249. <https://doi.org/10.1016/j.jslw.2006.09.001>
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica* (4th ed.). Atlas.
- Moita Lopes, L. P. (1994). Pesquisa Interpretativista em Lingüística Aplicada: A linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, 10(2), 329-338. <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/45412>
- Swales, J. (1990). *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge University Press.
- Yakhontova, T. (2019). "The authors have wasted their time...": Genre features and language of anonymous peer reviews. *Topics in Linguistics*, 20(2), 67-89. <https://doi.org/10.2478/topling-2019-0010>

AGRADECIMENTOS:

Nossos sinceros agradecimentos aos pareceristas de teses e aos doutorandos/as por compartilharem os pareceres acadêmicos e nos permitirem analisá-los para a escrita deste artigo.

SOBRE AS AUTORAS:

Maria do Socorro Oliveira possui Doutorado em Linguística pelo IEL/UNICAMP. É professora Titular das áreas de Linguística e Linguística Aplicada e líder do grupo de pesquisa 'Letramento e Etnografia' na UFRN. Atua no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL). Desenvolve pesquisas nas seguintes áreas de estudo: letramentos, formação docente e gênero textual/discursivo.

Antonia Dilamar Araújo possui Doutorado em Letras pela UFSC. É professora Titular da área de Linguística Aplicada e coordena grupo de pesquisa Multimodalidade e Letramento Crítico na UECE. Atua no Curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA). Desenvolve pesquisas em multiletramentos, formação docente, escrita acadêmica e gênero textual/discursivo.